



**UNIVERSIDAD DE CIENCIAS
EMPRESARIALES Y SOCIALES**
www.uces.edu.ar

**INSTITUTO DE ALTOS ESTUDIOS EN PSICOLOGÍA Y CIENCIAS
SOCIALES (IAEPCIS) "David Maldavsky"**
Doctorado en Psicología
Departamento de Investigaciones

Sábado 22 de julio de 2023
**XIX Jornadas Internacionales de Investigación en
Psicología UCES 2023**
**XXI Jornadas Internacionales de Actualización del
Algoritmo David Liberman**

Título: Avaliação da timidez: aspectos relacionados a sua mensuração na análise da adaptação transcultural de duas escalas para o Brasil.

Autores: Autor - Anneliza Soares de Sá; Coautor - Sérgio Eduardo Silva de Oliveira.

Email: annelizadesa@hotmail.com

Introdução

A timidez é um estado de inibição e desconforto em situações sociais ou relações interpessoais, podendo ser definida a partir de teorias distintas. O primeiro documento sobre timidez, encontrado no banco de dados *PsycBooks* do site *Psycnet.apa.org*, data de 1872, com o título de *Self-attention-shame-shyness-modesty: blushing*, de Charles Darwin. A partir disso, os estudos foram esparsos, se concentrando mais nas décadas de 1930 e 1950. Mas foi no final da década de 1970 que estudos sobre o tema se intensificaram, principalmente após o livro de Phillip Zimbardo, *Shyness: What it is; What to do about it*, publicado em 1977. O livro é resultado de um grande estudo sobre o construto timidez, realizado a partir do *Shyness Institute* e da *Shyness Clinic*, criados por Zimbardo e colaboradores, com o propósito de produzir conteúdo sobre o tema e estudar métodos de intervenção e tratamento, respectivamente. Nessa época, Zimbardo chegou a produzir 100 itens para a avaliação da presença e nível da timidez. Para Zimbardo, a timidez resulta de uma individuação que equipara o eu ao próprio desempenho do indivíduo, intensificada por necessidades humanas fundamentais: aceitação, aprovação e pertencimento ao meio (Zimbardo, 1986). Em 2002, Zimbardo, juntamente com Lynne Henderson, apura seus 100 itens de avaliação para 35 itens, publicando então o *Henderson/Zimbardo Shyness Questionnaire* ou Shy Q. O questionário apresenta três dimensões: medo (previsões negativas), vergonha (auto-culpa) e raiva (culpar o outro) (Bortnik, Henderson & Zimbardo, 2002).

Paralelamente, e em meio ao aumento de interesse pelo tema timidez, Jonathan Cheek, em 1981, definiu como pesquisa de seu mestrado, o estudo da relação entre a timidez e a sociabilidade. Não encontrando medidas que avaliassem especificamente a timidez, Cheek, juntamente com seu orientador Arnold Buss, resolveram construir um instrumento exclusivamente para a avaliação do construto timidez, o que resultou na *Cheek and Buss Shyness Scale*, com 9 itens. Nessa escala, a timidez é definida como a limitação na capacidade de se sentir confortável e desinibido em uma situação social e/ou em uma relação interpessoal, e apresenta sintomas somáticos, comportamentais e cognitivos (Cheek & Buss, 1981). A escala de Cheek e Buss foi revisada e expandida algumas vezes entre 1983 e 1985, passando a contar com 20 itens em sua última revisão, que passou a ser chamada de *Expanded Revised Cheek and Buss Shyness Scale* (RCBS-20). A RCBS-20 possui como fatores, o sofrimento social, a timidez com estranhos e a dificuldade ou déficit de assertividade, sendo ainda hoje uma das escalas de avaliação da timidez mais usadas em pesquisas.

Por razão do pioneirismo de Philip Zimbardo nos estudos mais modernos sobre a timidez e pela escala de Cheek e Buss ser a mais amplamente utilizada até os dias de hoje para medição desse construto, De Sá e Oliveira (2023) procederam com a adaptação transcultural para o português brasileiro dos instrumentos de avaliação construídos por esses dois psicólogos. A partir da análise das versões adaptadas, este estudo se propôs à identificação e avaliação dos pontos fortes e fracos dessas versões no contexto de medição da timidez.

Objetivo(s)

O objetivo deste estudo foi identificar os aspectos fortes e fracos, no que tange a medição da timidez, das versões brasileiras resultantes das adaptações transculturais do *Henderson/Zimbardo Shyness Questionnaire* (Shy Q) e da *Expanded Revised Cheek and Buss Shyness Scale* (RCBS-20)

Material e Métodos

A identificação dos pontos fortes e fracos das versões brasileiras adaptadas se efetivou por meio da análise das versões intermediárias resultantes das cinco fases do processo de adaptação transcultural dos instrumentos: tradução, avaliação de juízes, análise semântica, estudo piloto e tradução reversa, além da análise da versão final.

Segundo De Sá e Oliveira (2023), participaram da adaptação transcultural 5 psicólogos, doutores na área de Psicologia, 31 estudantes de graduação e 2 profissionais graduados em Letras – Inglês e Português.

Como material para avaliação dos pontos fortes e fracos das versões brasileiras adaptadas, utilizou-se as 3 versões intermediárias, mais a versão final, de cada instrumento, resultantes das etapas da adaptação transcultural.

O procedimento de avaliação dos pontos fortes e fracos das versões brasileiras iniciou-se pela análise da primeira versão (versão 1), resultante da comparação entre os itens originais dos instrumentos e os itens da tradução do idioma original para o português brasileiro. Em seguida, analisou-se a versão 2, resultante das observações dos psicólogos que compuseram o comitê de avaliação de conteúdo da versão 1. A avaliação de conteúdo foi baseada em três critérios:

equivalência semântica, clareza linguística, e pertinência prática. Na sequência, foi analisada a versão 3, derivada dos apontamentos dos alunos de graduação que compuseram a validação semântica. Essa validação busca confirmar se os itens estão compreensíveis, com palavras e expressões familiares para a população pretendida. E, por fim, foi realizada a análise da versão final, decorrente do estudo piloto, realizado também com estudantes de graduação, que tinha por objetivo identificar dúvidas e dificuldades de qualquer ordem no preenchimento dos instrumentos.

Resultados

Referente à *Expanded Revised Cheek and Buss Shyness Scale* (RCBS-20), na versão intermediária 1, encontrou-se uma questão importante relativa ao aspecto da sexualidade. O item original se refere ao par de um encontro amoroso como “alguém do sexo oposto”. Essa expressão para este sentido e contexto encontra-se obsoleta diante da nossa cultura atual. A versão brasileira substituiu essa expressão por “alguém por quem tenho atração”, o que ajusta o item não só ao contexto cultural, mas também no quesito temporalidade.

Na versão intermediária 2, dois itens apresentaram palavra e expressão com sentido ambíguo, podendo ser compreendida com uma conotação sexual. No primeiro item a expressão “dizer alguma bobagem” pode ser confundida no português brasileiro com dizer palavras obscenas e no segundo item a expressão “me dar bem” pode ser interpretado no nosso idioma como conseguir benefício sexual. A versão brasileira substituiu, então, essas duas expressões por “dizer alguma coisa pouco inteligente” e “me sair bem”, respectivamente. Ainda na versão 2, algumas palavras foram substituídas por não serem semanticamente compatíveis com as versões originais.

Na versão intermediária 3, palavras e expressões consideradas desconhecidas ou não familiares pelos estudantes que realizaram a validação semântica, foram substituídas por termos mais populares. Como exemplo, podemos citar expressões como “perto de estranhos” e “inibido”, que foram substituídas por “entre pessoas desconhecidas” e “envergonhado”, respectivamente.

O estudo piloto apresentou uma porcentagem de 75% de participantes que não relataram dificuldades no preenchimento da versão 3.

Referente ao *Henderson/Zimbardo Shyness Questionnaire* (Shy Q), não foram encontradas disparidades entre a versão original e a versão 1, derivada da tradução do idioma original para o português brasileiro.

Na versão intermediária 2, também foi percebido um item com duplo sentido que em nosso idioma poderia ser interpretado com conotação sexual. Dessa forma, a expressão “se aproveitem de mim” foi substituída pela expressão “tirem vantagem de mim”, por apresentar um sentido mais amplo. Ainda na versão 2, algumas palavras foram substituídas por não terem sentidos muito precisos em nosso idioma.

Na versão intermediária 3, palavras e expressões consideradas desconhecidas ou não familiares ressaltadas na validação semântica, foram substituídas por vocábulos ou expressões

mais habituais. Como exemplo, podemos citar expressões como “pareço ser”, “sem sentido”, que foram substituídas por “deixo transparecer” e “inadequado”, respectivamente.

O estudo piloto apresentou uma porcentagem de 78% de participantes que não relataram dificuldades no preenchimento da versão 3.

As dificuldades de preenchimento apontadas nos estudos pilotos de ambos os instrumentos eram referentes à capacidade de se auto analisar para responder aos itens mais relacionados com as questões internas e menos com a convivência com o outro.

O coeficiente de validade de conteúdo do Shy Q e da RCBS-20 apontaram para um excelente nível de equivalência semântica, clareza linguística e pertinência prática, tendo valores de CVC = 0,941 e 0,931, respectivamente.

Conclusões

Como pontos fortes podemos destacar que as versões brasileiras do Shy Q e da RCBS-20 demonstraram boa equivalência conceitual e operacional com suas versões originais. Também tiveram validade de conteúdo adequada e boa compatibilidade semântica com as versões originais.

Como principal ponto de fraqueza, percebeu-se que alguns itens poderiam ser mais específicos aos sintomas da timidez, pois em alguns exemplos os itens acabam abrangendo circunstâncias gerais, o que poder ser confundido com outras características de personalidade próximas, mas não coincidentes com a timidez.

Bibliografia

- Bortnik, K.; Henderson, L. & Zimbardo, P. G. (2002). The shy q, a measure of chronic shyness - associations with interpersonal motives, interpersonal values and self-conceptualizations. *Poster session presented at the Society for Interpersonal Theory and Research, Toronto, Canada.*
- Buss, A. H. & Cheek, J. M. (1981). Shyness and Sociability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41(2), 330-339. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Jonathan_Cheek/publication/297143434_SHYNESS_AND_SOCIABILITY/links/5e77dff3a6fdcccd62190fb5/SHYNESS-AND-SOCIABILITY.pdf
- Cheek, J. M. & Melchior, L. A. (1985) Measuring the three components of shyness. Em Davis, M. H.; Franzoi, S. L. (Ed.) *Emotion, personality, and personal well-being*. Los Angeles: American Psychological Association.
- De Sá, A. S. & Oliveira, S. E. S. (2023). Adaptação para o Brasil e evidências de validade de conteúdo do *Henderson/Zimbardo shyness questionnaire* (Shy Q). XIX Congresso de Avaliação Psicológica do IBAP.
- De Sá, A. S. & Oliveira, S. E. S. (2023). Adaptação transcultural da *Expanded revised Cheek and Buss shyness scale* (RCBS-20) para o português brasileiro. XIX Congresso de Avaliação Psicológica do IBAP.
- Melchior, L. A. & Cheek, J. M. (1990). Shyness and Anxious Self-Preoccupation During a Social Interaction. *Journal of Social Behavior and Personality*; 5(2), 117.

- Zimbardo, P. G. (1986) The Stanford Shyness Project. Em S. R. Briggs, J. M. Cheek, W. H. Jones, W. H. (1986). *Shyness-Perspectives on Research and Treatment*. (2ª ed,) (pp. 17-25). Boston: Springer.
- Zimbardo, P. G. (1977). *Shyness: What it is; What to do about it*. 1ª edição. Addison-Wesley Publishing Company, Reading, Estados Unidos.